

VIDAS PRESENTES

Crônicas de encontros que a cidade não quer ver

Edilbert Pellegrini Nahn Junior e Wilson Heidenfelder – Organizadores



Este livro nasce do encontro entre estudantes de Medicina e pessoas cujas histórias, muitas vezes invisíveis aos olhos da sociedade, revelam coragem, perdas, afetos e recomeços. Fruto do Projeto de Extensão Acadêmica Vidas Presentes, da Faculdade de Medicina de Campos, a obra convida o leitor a enxergar para além das aparências e a reconhecer a dignidade presente em cada trajetória humana. São, acima de tudo, crônicas de encontros que a cidade não quer ver.

Organizadores:

Edilbert Pellegrini Nahn Junior e Wilson Heidenfelder

Autores:

Larissa Santos de Almeida Pontes (7º período de Medicina)

Leticya Victória Pereira Pusser (7º período de Medicina)

Yasmim Reis da Silva Rangel (11º período de Medicina)

Vinicius Azevedo Dufau (7º período de Medicina)

Edição:

Assessoria de Comunicação da Fundação Benedito Pereira Nunes

Coordenação Editorial, Projeto Gráfico e foto da capa:

Wellington Cordeiro - ASCOM/FBPN

Revisão:

Camila Mendes - Professora da Faculdade de Medicina de Campos

CIP - Brasil. Catalogação para publicação

V649

Vidas presentes: crônicas de encontros que a cidade não quer ver [recurso eletrônico] / Larissa Santos de Almeida Pontes... [et al]; organização de Wilson Heidenfelder; Edilbert Pellegrini Nahn Junior. - Campos dos Goytacazes, RJ : FBPN/FMC, 2026.

42 p.

ISBN 978-65-02-31435-7 (e-book)

Disponível em: <https://fmc-campos.com.br/>

1.Crônicas. I. Heidenfelder, Wilson. II. Nahn Junior, Edilbert Pellegrini, org. III. Título.

CDD B869.93

Elaborado por: Maria de Lourdes Costa de Souza - Bibliotecária - CRB-7 RJ - 006201-0

Edilbert Pellegrini Nahn Junior

Wilson Heidenfelder

Organizadores

VIDAS PRESENTES



Crônicas de encontros
que a cidade não quer ver

Apresentação

Existem projetos que nascem de editais, metas e cronogramas. Outros, porém, nascem de inquietações humanas. O Projeto de Extensão Acadêmica Vidas Presentes, desenvolvido pela Faculdade de Medicina de Campos por meio da Coordenação de Extensão Acadêmica, surgiu exatamente desse lugar: da necessidade de devolver rosto, nome e história àqueles que, tantas vezes, tornaram-se invisíveis aos olhos apressados da sociedade. Quando o diretor da instituição, professor Edilbert Pellegrini, me convidou para, juntos, coordenarmos essa iniciativa, compreendi que não se tratava apenas de uma atividade extensionista. Tratava-se de um exercício profundo de humanidade.

Ao longo da minha trajetória trabalhando com comunicação, relações humanas e desenvolvimento emocional, aprendi que a técnica salva vidas, mas é a sensibilidade que sustenta o cuidado. Talvez um dos maiores desafios da formação médica contemporânea seja impedir que o excesso de conhecimento científico silencie aquilo que existe de mais essencial em um futuro profissional da saúde: a capacidade de enxergar o outro para além dos sintomas, dos diagnósticos e dos protocolos. O Vidas Presentes nasceu para lembrar que, antes do prontuário, existe uma pessoa. Antes da doença, existe uma história. E, antes de qualquer conduta clínica, existe alguém tentando sobreviver às próprias dores.

Foi assim que estudantes e professores passaram a percorrer ruas, praças, casas de passagem e territórios marcados pela vulnerabilidade social. Não fomos apenas coletar relatos. Fomos aprender com pessoas cujas trajetórias carregam marcas profundas de perdas, rupturas, exclusão e sofrimento, mas também de resistência, coragem e esperança. A cada encontro, tornava-se evidente que a rua quase nunca começa na rua. Antes dela, existem histórias de vínculos rompidos, afetos interrompidos, oportunidades negadas e sonhos que, por diferentes razões, ficaram pelo caminho.

Mas talvez a maior transformação tenha acontecido dentro dos

próprios estudantes. Existem aprendizados que nenhuma sala de aula consegue oferecer. A escuta atenta, o respeito ao tempo do outro, a importância de chamar alguém pelo nome, a potência de uma presença genuína e a força de uma história compartilhada revelaram-se lições tão valiosas quanto qualquer conteúdo curricular. Aos poucos, os alunos deixaram de apenas observar realidades e passaram a perceber o quanto também eram atravessados por elas. Aprenderam que cuidar não é apenas intervir. É, antes de tudo, reconhecer a humanidade presente em cada pessoa.

Este livro nasce dessa travessia. Nasce da escuta, da presença e do encontro. Reúne narrativas inspiradas nas vivências e pesquisas de campo realizadas pelos estudantes de Medicina junto às pessoas acolhidas nas ações do projeto. Não pretende romantizar a dor nem transformar o sofrimento em espetáculo. Seu propósito é outro: registrar vidas que continuam existindo apesar das ausências, das perdas e dos silêncios. Vidas que resistem. Vidas que insistem. Vidas que merecem ser vistas.

Mais do que um registro acadêmico, esta obra é um testemunho de humanidade e um convite à reflexão. Cada narrativa reafirma que o conhecimento encontra seu sentido mais profundo quando caminha ao lado da empatia e que a formação em saúde se fortalece quando aprende a enxergar o ser humano em sua totalidade. Ao percorrer estas páginas, o leitor encontrará histórias que emergem das calçadas, dos abrigos, das esquinas e dos invisíveis caminhos da cidade. Histórias que desafiam a indiferença, resgatam a dignidade e devolvem voz àqueles que o cotidiano insiste em apagar. São, acima de tudo, crônicas de encontros que a cidade não quer ver.

Prefácio

Há livros que nascem de uma ideia. Há outros que nascem de uma necessidade. E existem aqueles que nascem de um encontro — um encontro capaz de transformar, ao mesmo tempo, quem oferece e quem recebe. *Vidas Presentes: Crônicas de Encontros* que a cidade não quer ver pertence a esta última categoria.

Como Diretor-Geral da Faculdade de Medicina de Campos, sinto-me particularmente honrado por apresentar esta obra, fruto de uma experiência que ultrapassou os limites da sala de aula e dos protocolos acadêmicos. O Projeto de Extensão Acadêmica *Vidas Presentes* nasceu de uma inquietação institucional que consideramos essencial à formação médica: como ensinar nossos estudantes a cuidar de pessoas sem que jamais se esqueçam de enxergar, antes de tudo, o ser humano que existe diante deles?

A Medicina é ciência, técnica, conhecimento e responsabilidade, mas também é encontro, olhar, escuta e presença. O médico que desejamos formar precisa compreender que, antes de qualquer diagnóstico, existe uma história; antes de qualquer doença, existe uma pessoa; e antes de qualquer intervenção, existe alguém que precisa ser reconhecido em sua dignidade.

Foi com esse propósito que estimulamos nossos estudantes a sair dos espaços tradicionais de formação e aproximar-se de uma realidade que, infelizmente, permanece invisível para grande parte da sociedade: a das pessoas em situação de rua e em extrema vulnerabilidade social. Esse encontro pretendia além do aprendizado clínico, algo muito mais simples: ensinar a ver o outro.

As crônicas deste livro mostram o quanto essa experiência foi transformadora. Os nossos estudantes descobriram que, por trás da expressão genérica “morador de rua”, existem nomes, famílias, profissões, amores, perdas, talentos, sonhos, crenças, contradições, arrependimentos, esperanças e desejos absolutamente humanos. Encontraram pessoas em todas as suas dimensões.

Os relatos reunidos neste singular ebook testemunharam descobertas, como: um estudante encontra um homem que carrega consigo a memória do mar, da família e do abandono; outro se surpreende ao perceber que, entre tantas perdas, ainda existe espaço para o amor e para o desejo de reconstruir uma família. Há quem encontre na fé uma possibilidade de recomeço; quem transforme o humor em instrumento de sobrevivência; quem sonhe apenas com uma oportunidade de trabalho; quem peça uma cadeira de rodas para recuperar um pouco de sua autonomia. E há aqueles que nos lembram uma verdade fundamental: ninguém pode ser reduzido ao pior momento de sua vida.

Nos primeiros contatos o estudante carrega seus próprios preconceitos, suas expectativas, medos e certezas/incertezas. Retorna diferente, porque os verdadeiros encontros desorganizam nossas veracidades.

Ao aproximar nossos estudantes da população em situação de rua, buscamos também fortalecer uma compreensão mais ampla do cuidado. A vulnerabilidade social, a ausência de vínculos, a violência, a dependência química, o desemprego, as doenças crônicas, os transtornos emocionais e tantas outras circunstâncias se entrelaçam e produzem trajetórias complexas.

O viver em situação de rua raramente começa nas avenidas e ruelas. Compreender esta realidade não significa retirar de cada indivíduo sua responsabilidade sobre a própria vida. Significa, porém, substituir julgamentos apressados por uma compreensão mais humana, mais madura e mais responsável. É essa perspectiva que queremos levar para a formação dos nossos futuros médicos.

Creemos que nossos futuros médicos jamais se esqueceram de que, antes de serem profissionais da saúde, são pessoas cuidando de pessoas.

Prof. Edilbert Pellegrini Nahn Junior

Diretor-Geral da Faculdade de Medicina de Campos

Nota do editor

Quando fui convidado a coordenar a edição do livro *Vidas Presentes*, foi inevitável lembrar de outra obra literária, lançada em 2020 pelo escritor campista Adriano Moura. *Os Invisíveis* (Editora Patuá) também aborda a invisibilidade de pessoas em situação de vulnerabilidade, por meio de contos inspirados na vida daqueles que experimentam a marginalidade das ruas, a miséria e o abandono afetivo.

A literatura brasileira, em diferentes épocas, já deu voz a sujeitos frequentemente esquecidos pela sociedade, revelando a fome, a pobreza, o preconceito, o abandono e outras formas de exclusão. Obras marcantes como *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Clara dos Anjos* (1948), de Lima Barreto; *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus; e *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector, expuseram, cada uma à sua maneira, vidas atravessadas pela vulnerabilidade, produzindo forte impacto social e humano.

Vidas Presentes, entretanto, nasce de uma experiência distinta. Os textos aqui reunidos não foram escritos por mestres consagrados da literatura brasileira, nem têm a pretensão de assim se apresentar. São produções de estudantes de Medicina que, a partir da escuta e do encontro com pessoas em situação de rua, transformaram em linguagem literária suas impressões, inquietações e sensibilidades diante dos relatos de vida que lhes foram confiados. Mais do que falar sobre essas pessoas, os estudantes foram convidados a escutá-las e, a partir dessa experiência, refletir sobre histórias que muitas vezes permanecem à margem do olhar social.

Nesse sentido, a força desta obra talvez esteja justamente no encontro entre universos que, à primeira vista, parecem distantes: a formação médica e a literatura. Ao colocar no papel aquilo que ouviram, perceberam e sentiram, esses futuros profissionais de saúde exercitam um olhar que ultrapassa sintomas, diagnósticos e doenças para reconhecer, antes de tudo, a pessoa, sua história, seus afetos, suas perdas e sua dignidade. Em *Vidas Presentes*, escrever torna-se também

uma forma de escutar — e de tornar presente quem tantas vezes é tratado como invisível.

Wellington Cordeiro

Coordenador Editorial, Coordenador da ASCOM/FBPN
e Membro da Academia Campista de Letras

Dedicatória

"Tudo o que sou e entrego nestas páginas carrega um pouco de vocês: ao meu marido, que amou a mim e às minhas feridas, à minha Vó Adail e aos meus filhos, que me ensinaram a amar e cuidar com o coração e à minha mãe, que acreditou em mim antes mesmo que eu acreditasse."

Larissa Santos de Almeida Pontes

"À minha Vó, cuja presença permanece em tudo aquilo que o amor me ensinou sobre cuidar. E aos meus pais, por serem meu amor, meu apoio e minha casa."

Leticya Victória Pereira Pusser

"À minha Avó, o cuidado que hoje entrego às pessoas, a minha forma de amar, de lutar pelos meus sonhos e de seguir em frente mesmo nos dias difíceis... tudo tem um pedaço seu. Se hoje escolho cuidar de vidas, é porque aprendi com você que cuidar também é uma das formas mais bonitas de amar."

Yasmim Reis da Silva Rangel

"Para aqueles que deram sustentação aos meus passos e coragem aos meus sonhos, à minha namorada, cujo companheirismo e presença constante nos dias mais difíceis foram meu acalento e minha força, à minha Avó, pilar inabalável da minha trajetória, que com amor infinito moldou quem eu sou desde os meus primeiros dias e à minha família: minha mãe, meu pai e meu irmão, pelo amor visceral que nos une e por serem a base firme que me permitiu trilhar este caminho e tornar este livro realidade."

Vinicius Azevedo Dufau

Agradecimentos

Todo livro nasce de muitas mãos. Vidas Presentes também. Por isso, agradeço à professora Micaela Albertini, ao professor Leonardo Muniz e a todos os integrantes do Projeto Consultório na Rua da Faculdade de Medicina de Campos, pela parceria, pela presença e por nos ensinarem, na prática, que cuidar começa quando somos capazes de enxergar o outro para além de sua condição.

Minha gratidão também à professora Odila Mansur, coordenadora da Extensão, por acreditar na força transformadora da universidade quando ela ultrapassa seus muros; ao professor Edilberto Pellegrini, Diretor da Faculdade de Medicina de Campos, parceiro fundamental na construção deste projeto e à Rosicleia Pessanha, a Rose, e a toda a equipe da Casa de Passagem, que nos acolheram com generosidade e abriram as portas para que este projeto pudesse acontecer.

E aos nossos estudantes, meu agradecimento mais especial. Vocês não apenas participaram deste projeto: permitiram-se ser atravessados por histórias, encontros e realidades que nenhuma sala de aula poderia ensinar. Este livro nasceu dessa escuta, dessa presença e desse aprendizado compartilhado. A todos que caminharam conosco, muito obrigado por ajudarem a transformar encontros em histórias e histórias em humanidade.

Wilson Heidenfelder

Organizador

Sumário

Um peixe atrás das grades	11
Larissa Almeida	
Um pulmão e meio	14
Letícia Pusser	
Como permanecer?	17
Larissa Almeida	
De outros carnavais	21
Letícia Pusser	
Um amor torto, mas vivo	23
Larissa Almeida	
Aos poucos, a rua aconteceu	26
Vinicius Azevedo Dufau	
E quando o coração é maior que o peito?	28
Letícia Pusser	
Debaixo da marquise - entre a chuva, a fuga e o abandono	30
Wilson Heidenfelder	
Eu acertei em continuar vivo	33
Vinicius Azevedo Dufau	
O amor em meio às faltas	35
Yasmim Rangel	
Mesmo sendo só de passagem	37
Larissa Almeida	
Entre orações e ruínas	40
Wilson Heidenfelder	

Um peixe atrás das grades

Larissa Almeida

Um lugar simples, sem placas de alerta, sem cercas, sem o rótulo gritante de “aqui moram pessoas em situação de rua”. Havia apenas André no portão — educado, sereno —, que me recebeu com um sorriso e me deixou entrar. E ali dei meu primeiro passo nesse encontro com o inesperado.

Eu esperava um ambiente pesado, rostos endurecidos, corpos sujos, talvez até monstros — e não pessoas. Mas o que encontrei foi uma casa. E, dentro dela, uma família.

Logo na entrada, uma moça de roupas simples — calça e blusa preta, quase combinando — conversava animadamente com os outros. Estava bem vestida. Tinha dignidade. Eu não esperava por isso. Esperava odores fortes e olhares vazios. Mas todos estavam limpos, atentos, como se aguardassem a nossa chegada. E de fato, aguardavam — éramos o evento do dia.

A moça ria, brincava, e, ao redor dela, havia uns quinze rostos reunidos numa sala ampla que parecia pequena diante de tantos sofás, tantas presenças.

Cumprimentei cada um, olhei nos olhos, perguntei os nomes. E por que isso me marcou tanto? Porque deveria ser tão óbvio. São pessoas. E, ainda assim, eu precisei me lembrar disso.

No meio das conversas, eu encontrei o meu “peixe” — como chamavam ali os moradores. Um senhor de 64 anos, cabelos grisalhos, olhos claros e magro. Ex-pescador de São João da Barra. Contou que abandonou o mar porque “viu a morte de perto”.

Com seu cigarro na mão, falava com aquele tom sereno e sábio dos que já viveram muito. “A vida é feita de altos e baixos”, repetia, pulando de um assunto a outro, com uma simpatia de velho marrento e divertido.

Gostei dele. Gostei do modo como me contou sua história, e espero que ele também tenha gostado de ser ouvido.

Seu Peixe foi um homem vivido. Teve grandes dias de folia com o pai — um coronel do exército, que ganhava 38 mil por mês (ele fez questão de frisar). Mas, entre as risadas e lembranças, veio a sombra: o pai havia traído a mãe. E ele viu a mãe se suicidar, pulando da sacada do apartamento, diante dele e do irmão.

Desde então, a nova mulher do pai era apenas “a Madrasta”. Gelei por dentro quando ele contou sobre a mãe. Falou baixinho, como se tentasse diminuir o peso da própria lembrança. E ali, tudo se encaixou para mim: seu Peixe nunca usou drogas, mas há muito tempo vive invadindo locais abandonados só para não dormir na rua. No fundo, sua batalha nunca foi contra um vício — foi contra a vida que lhe tirou o chão. Sua questão era familiar — e afetiva.

“A Madrasta pegou todo o dinheiro do papai. Mas eu acho que ela foi injusta, quero o que é meu”, dizia, com raiva contida. “A filha dela é advogada, com o dinheiro do papai... assim é fácil, né?”.

Seu Peixe é sábio, mas também magoado. Perdeu o norte quando perdeu os pais. E, junto disso, perdeu o sentido de pertencer.

Eu senti um orgulho tão grande, mas silencioso, por vê-lo tão disposto a contar sua história, por mais dolorosa que fosse, mas com um sentimento de ter feito o melhor que podia diante da sua realidade. Ele nunca roubou, nunca feriu ninguém. Quando era expulso de um lugar, simplesmente procurava outro, sem reclamar. Até encontrar, finalmente, sua Casa.

Seu peixe é uma figura, às vezes sem dar obediência e todos acham que ele não vai voltar. Esses dias deixou uma carta com um desenho de um peixe atrás das grades que dizia “estou me sentindo um peixe fora d'água e como se estivesse em um presídio”. Eu ri, achei engraçado o pedaço de papel com o desenho e a frase, mas fiquei me perguntando o que aquilo significava; ali, ele não passava frio, muito menos fome, mas precisava seguir regras, e, para um homem vivido e há tanto tempo sozinho, se adequar ao outro às vezes é difícil, é difícil se

moldar a conviver com outras pessoas, quanto mais estranhos, mas, no final, ele sempre volta e tem ficado cada dia mais feliz por estar lá.

Seu peixe foi meu primeiro contato, e como eu fiquei incrédula... tive que voltar outras vezes e conversar com ele de novo para ter certeza, mesmo depois de semanas, que a história era a mesma. Como assim, o filho do coronel do Exército dormindo na rua? Eu não conseguia assimilar aquela informação.

Eu sempre voltava lá e via de novo, eu matava a saudade, sabe? Tenho carinho por ele, não sinto pena, depois de conhecer sua história... achei tão corajoso.

Uma dessas vezes eu ganhei uma carta, um desenho de um peixe com o nome dele e um fusca branco, o pedaço de papel era o envelope de uma conta da Caixa, ele foi no quarto, pegou uma caneta quebrada, sentou-se do meu lado, desenhou e me entregou... eu me senti realizada, por ter conseguido tocar de alguma forma aquele momento fez valer a pena tudo que eu largo para ir lá.

Quando o vejo, sinto que o tempo o habita de um jeito diferente: ele fala como quem já atravessou o mundo e voltou com um cigarro na boca e uma história nas mãos. É curioso porque, por trás do cabelo grisalho e do olhar cansado, há uma dignidade que ninguém conseguiu arrancar.

Não é piedade o que sinto — é respeito. É admiração.

Seu Peixe me ensinou algo que nenhum livro, nenhuma faculdade, nenhum discurso bonito sobre empatia conseguiria ensinar: que existem dores que não pedem cura, apenas escuta. Ou há pessoas que só precisam de um espaço para existir sem serem salvas, sem serem julgadas, apenas reconhecidas.

Ele não é o “morador de rua” que o mundo insiste em rotular. É um homem com nome, história, traumas e um desenho de peixe em um pedaço de papel — o mesmo que carregava na mão do que o fez abandonar.

Eu, que entrei naquela casa achando que ia observar, acabei sendo observada por dentro.

Um pulmão e meio

Letícia Pusser

A praça de Campos é um pedaço de cimento à beira do rio, um corpo sem alma que um dia já foi verde. Restam apenas as palmeiras esparsas, testemunhas mudas de uma história que não existe mais. Em um dos lados, um memorial aos que foram para a guerra, de frente para uma igreja que promete a paz. No meio, um chafariz seco e uma série de bancos de concreto que não oferecem conforto, mas são a cama e o divã para quem vive à margem.

Foi ali, naquele espaço de paradoxos, que a tenda do projeto Consultório de Rua foi erguida. Um pedaço de tecido branco em meio ao cinza da cidade, um ponto de luz que atrai quem precisa de um mínimo de cuidado. Era meu primeiro dia de acolhimento, e havia uma expectativa silenciosa de que as pessoas da rua fossem fechadas, perigosas, inacessíveis. Mas a verdade é que o perigo estava nos julgamentos, nas predefinições, nas suposições que eu tinha daquelas pessoas que eu nem conhecia.

Meu guia, ou melhor, minha veterana de projeto, era Jacyntha. Antes de conhecê-la, criei uma imagem de alguém que usaria o conhecimento como escudo, uma pessoa arrogante por se sentir superior. Mas Jacyntha era o avesso completo disso. Ao meu lado, ela me ensinou que o primeiro passo para o acolhimento não era a palavra, mas a postura.

O nosso primeiro encontro daquele dia estava em uma esquina de concreto, com as costas apoiadas em um banco de cimento. Um homem de trinta e poucos anos, com o rosto bem conservado, sentado no chão. Jacyntha não se aproximou de cima, como quem olha de um pedestal. Ela se ajoelhou, ficando na mesma altura dele. E o seu tom de voz era como o de uma velha amiga que o encontrava depois de anos. Não havia pena, apenas um respeito genuíno.

“Oi, tudo bem? Qual é o seu nome?” Ouvir Jacyntha me fez entender que, para o mundo, eles são a escória, a paisagem ignorada de um dia de sol. Não os chamam pelo nome. São o “morador de rua”, o “mendigo”, a “pessoa em situação de rua”. Mas um nome é a primeira coisa que você perde quando a sociedade te apaga. Um nome é a prova de que você existe, que teve uma família, uma história, uma identidade. E a primeira coisa que Jacyntha fez foi perguntar pelo dele.

“Estamos aqui, se precisar de alguma coisa”, disse ela. O homem nos recebeu com um sorriso. Era a resposta que eu esperava, mas a quebra do meu próprio preconceito. Eu reparei em suas mãos, abertas, sem sinal de tensão. Ele não se sentia ameaçado.

“Tô só esperando o serviço de verificação passar”, ele respondeu, com uma naturalidade que me surpreendeu. “Se eles não me veem aqui, não podem me ajudar. Mas hoje já comi uma sopa que um pessoal deu e meu primo comprou os remédios de que eu precisava.”

“O senhor está doente?”

“Ah, sabe como é... tenho sinusite. Fui na UPA, me deram uma receita, e meus pais pegaram a receita com meu primo. Compraram para mim e mandaram por ele.”

A minha surpresa foi palpável. Pais? Família? A distância que a rua impõe parecia menos absoluta naquelas palavras. Jacyntha, sem forçar, fez a pergunta que estava na ponta da minha língua: “Então o senhor tem contato com os seus pais?”

A resposta dele foi um balançar de ombros e um “mais ou menos, né”.

Ali, naquela entonação, estava a dor. E então, a história, o motivo de tudo, veio à tona, de forma surpreendente, como se estivesse guardada para o primeiro par de ouvidos que se mostrasse digno de recebê-la.

“Se importa de contar por que o senhor veio parar na rua?”

A pergunta de Jacyntha foi feita com a mesma delicadeza que ela teria ao perguntar as horas. E ele respondeu com a mesma honestidade.

“Acontece que eu tenho um pulmão e meio e não consigo

trabalhar.”

A pausa foi longa. Eu senti o ar se esvaír. “Como assim?”, a voz de Jacyntha era de uma curiosidade genuína.

“É complicado. Eu usava droga, arranjei confusão na comunidade em que eu morava com meus pais, tomei um tiro e no hospital me deixaram só com um pulmão e meio.”

O relato continuou. Ele tentou a vida em uma cerâmica, mas a fumaça e a falta de ar o fizeram adoecer. Gastou mais do que ganhava. Tentou outro trabalho, mas a condição física e a falta de estudo eram um muro intransponível.

Eu me lembro de cada detalhe: o chão de cimento, a tenda branca, a voz tranquila de Jacyntha e a história de um homem que, por ter um pulmão e meio, não conseguia mais respirar na sociedade. Aquela tarde me ensinou que a rua não é apenas um lugar, mas a consequência de uma história inteira, de uma vida que a violência e a doença marcaram para sempre. E que a crônica que eu escreveria seria a primeira vez que alguém, de fato, ouvia.

Como permanecer?

Larissa Almeida

Na casa de passagem aprendi que as pessoas nunca chegam só com uma mochila. Sempre carregam alguma coisa invisível junto. Rafael carregava humor. Chegou brincando com todo mundo, fazendo piada, ajudando daqui e dali, como se já conhecesse aquele lugar há anos. Bonito, descolado, um típico carioca. Daqueles que transformam qualquer canto em roda de conversa. E talvez por isso tenha me assustado tanto descobrir que, por trás do riso fácil, existia um menino de 9 anos que um dia fugiu de casa sozinho. Fomos conversando e, a cada pedaço da história, ele se empolgava mais. Estranhamente, parecia sentir orgulho da própria trajetória. Literalmente, pegou o limão e fez uma limonada. Rafael tinha aquele tipo de carisma que entra no ambiente antes do corpo. Todo mundo na casa de passagem o conhecia. Um chamava daqui, outro pedia ajuda dali, e ele ia. Consertava ventilador, carregava cesta, fazia café, contava histórias. Era útil em todos os lugares — menos dentro de si.

Rafael foi me contando que fugiu de casa aos 9 anos, depois de levar uma coça do pai. Morava em uma comunidade do Rio de Janeiro, e o pai era dono de um bar. Ele e o primo ajudavam no bar quando chegavam da escola, até que um dia acharam uma boa ideia pegar uma garrafa escondida para beber em casa. O primo passou mal, contou toda a história, e Rafael levou uma surra que nunca esqueceu.

Aquilo ainda era uma ferida aberta nele. Como se, no fundo, não entendesse por que o pai reagiu daquela forma; afinal, era aquilo que via os adultos fazendo todos os dias. Então, por que com ele era errado? Talvez tenha sido ali que alguma coisa se partiu. Ou talvez tenha sido ali que ele aprendeu a viver sempre entre extremos. Entre acolhimento e abandono. Entre amor e violência. Ele então pegou uma mochilinha, colocou uma muda de roupa dentro e saiu pelas ruas, na cara e na

coragem, andando a noite inteira. Até que apareceu um senhor em uma carroça, perguntando para onde ele ia.

Depois de ouvir a história, ofereceu um lugar para ele passar a noite. Poderia ter sido qualquer pessoa encontrando aquela criança sozinha nas ruas do Rio de Janeiro. Poderia ter dado tão errado. E, enquanto eu ouvia tudo aquilo assustada, Rafael ria, achando graça por, no fim das contas, ter dado certo.

Algumas pessoas choram quando contam que sobreviveram. Rafael fazia piada. Como se a dor tivesse virado um personagem antigo sentado à mesa do bar do pai, bebendo junto com ele até hoje.

Rafael viveu por anos com essa família, mas o primeiro dia ainda parecia muito vivo na memória dele. E como pode um homem de 33 anos guardar com tantos detalhes uma única noite dos seus 9 anos? Ele lembrava da casa simples e limpa, da cama quentinha, da água quente, da mulher preparando uma galinha fresca da fazenda e do menino da casa chamando-o para brincar.

Ali ele foi tratado como filho. Não havia diferença para o filho do casal, apenas espaço para ser criança, talvez a criança que ele nunca pôde ter sido. “Fui tratado com respeito e muito amor. Sinto falta deles.” Mas, mesmo sendo tão bem acolhido, naquela primeira noite ele sentiu falta da casa dos pais e ficou pensando no que tinha feito. E aquilo me atravessou profundamente. Porque, no fundo, o menino que fugiu continuava querendo voltar para casa... só que para uma casa diferente da que deixou.

Não demorou muito para que ele se oferecesse para entrar na rotina da fazenda. Na primeira semana já fazia tudo sozinho. Ele amava aquilo. Os anos passaram e, quando estava ali pelos 14 anos, já praticamente tomava conta de tudo. Até que um dia apareceu um carro diferente procurando por ele para levá-lo de volta aos pais. Ele não queria ir, mas teve que ir.

Depois de muita briga judicial, bateu o pé, dizendo que não moraria com os pais, e acabou indo para a casa da tia. Lá as coisas foram caminhando. Trabalhou, namorou, tentou seguir a vida. Sua maior mágoa

hoje é não conseguir manter um relacionamento. Já passou por vários casamentos. “Eu sou um homem maravilhoso. Sempre tratei minhas mulheres como princesas... mas só de segunda à quinta.” Ele ria depois de falar das próprias tragédias, e talvez isso fosse o mais triste.

Começou com uma cervejinha aqui, outra ali. Depois virou uma caixa inteira, e ele só parava quando chegava segunda-feira. Nenhum casamento durou. Com o tempo, vieram também a cocaína e as noites em que perdia até o caminho de casa. Aquilo me intrigava profundamente, porque a dependência realmente é uma dependência.

Rafael amava a ideia de ser marido, falava com orgulho do quanto era prestativo, do quanto cuidava das mulheres. E até na casa de passagem ele era assim: um faz-tudo que ninguém precisava pedir duas vezes. Existia uma delicadeza quase invisível nele. No jeito de oferecer café antes de pegar para si. Na forma como escutava os outros moradores sem interromper. Na capacidade absurda de transformar qualquer ambiente em quintal de infância. Mas ele não conseguia sustentar constância.

A válvula de escape gritava. E talvez porque um casamento nunca seja só um mar de rosas. Relacionamentos exigem conflito, conversa, permanência. E talvez Rafael nunca tenha aprendido a permanecer quando as coisas começam a doer.

Rafael foi me mostrando, na prática, como a dependência química é cruel. Não porque destrói apenas o corpo, mas porque sequestra a continuidade da vida. A pessoa ama, promete, constrói, sonha — e, de repente, desaparece de si mesma. Como se existissem dois homens dividindo a mesma pele. Rafael parecia cansado de pedir desculpas por alguém que ele também não conseguia controlar.

Enquanto falava dos casamentos, percebi que ele não sentia saudade das mulheres. Sentia saudade da versão dele mesmo quando era amado. “Quando eu tava casado, eu era outro homem.” Ele falou isso olhando para o nada, mexendo no copo de café já vazio.

E, por um segundo, apareceu o menino de 9 anos de novo. O menino que queria apenas voltar para casa. Para uma cama quentinha,

um banho quente e uma galinha fresca na mesa da família.

Algumas pessoas chegam à casa de passagem procurando abrigo. Rafael parecia procurar permanência. Mas, pela primeira vez em muito tempo, ele parecia disposto a tentar de novo. Quer arrumar um emprego, construir uma vida e encontrar alguém. “Agora eu vou fazer diferente.” E, do fundo do meu coração, eu espero que faça. Ele merece.

De outros carnavais.

Letícia Pusser

André estava sentado na sala da Casa de Passagem assistindo à novela. Enquanto eu conversava com outros moradores, ele observava de canto, tímido, quase escondido atrás do próprio silêncio.

Em certo momento, falei sobre um bairro da minha cidade onde minha família morou por muito tempo. Foi o suficiente para que ele, ainda meio acanhado, entrasse na conversa. Disse que sua história com aquele bairro era literalmente de outros carnavais, que participava do Boi Pintadinho da região e aproveitava cada desfile, cada música, cada rua colorida. Contou que, naquela época, as pessoas se divertiam de verdade, mas que, com o tempo, a cultura carnavalesca campista foi se perdendo, como um tamborim que para de tocar antes do fim da música.

Aproveitei a brecha e perguntei o que tinha feito ele se perder do carnaval e parar na rua. André baixou o olhar e, com uma tristeza mansa, respondeu que sua mulher havia falecido. A casa era dela, e ela tinha outros filhos que não eram dele. Quando ela morreu, ele não falou com ninguém. Só deixou tudo para trás e foi morar na rua.

Perguntei se ele não tinha outros familiares. Ele disse que tinha uma filha de outro casamento e que chegou a tentar morar com ela em Macaé, mas não conseguiu deixar Campos. Acabou voltando, morou na praça por um tempo e o pessoal da Casa de Passagem o acolheu. Agora o sonho dele é se aposentar e conseguir uma casinha para si.

Mas a vida, que tantas vezes parece se ocupar apenas em separar as pessoas, dessa vez resolveu uni-las. No meio desse caminho, o amor apareceu de novo. André conheceu Alfavaléria, que me contou ter rezado no último Natal por um namorado bom, e o desejo se realizou. Agora as orações dela têm outro propósito. Ela diz que os dois vão conseguir um lar e fala com a fé de quem já entendeu o sentido das coisas.

É curioso pensar como, mesmo em meio a tantos desencontros, o encontro ainda acontece. Como disse Vinicius de Moraes, “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.”

E foi assim, entre lembranças de carnavais antigos e planos de um futuro simples, que André e Alfavaléria se encontraram. Um amor não de outros carnavais, mas talvez de outras vidas, florescendo num cenário inimaginável.

Acho que, no fundo, é isso o que o amor faz. Ele devolve o olhar. Ser amado é, antes de tudo, ser visto.

Um amor torto, mas vivo.

Larissa Almeida

Começamos mais um dia do projeto, ainda na casa de passagem, com Micaela.

Conversávamos sobre o Natal solidário e sobre como seria a dinâmica. Quando saí da sala e fui até a varanda, sentei-me naquele sofá que já não aguentava mais o meu peso. Foi então que me deparei com uma menininha – no máximo quatro anos. Lembrei, de imediato, do meu filho, em casa. Ela me lançou um sorriso tão gostoso, tão genuíno, tão puro... Devolvi o meu, todo derretido, e fui surpreendida por um abraço quentinho, daqueles com bracinhos pequenos se enroscando nos meus cabelos. É para isso que eu vim aqui, pensei na mesma hora.

A pequena estava acompanhada da madrastra – uma mulher de aparência cansada, meio envergonhada. Aos poucos, fui tateando os limites do que ela gostaria ou não de compartilhar sobre sua história. Sem muita dificuldade, ela começou a falar. Disse que tem dois filhos que moram em Búzios e que sente uma saudade imensa deles. Contou que costumava falar com os filhos pelo celular, mas que agora o aparelho está quebrado. Celular? Como? – me perguntei. E, ainda assim, falou que faria uma viagem para vê-los. Fiquei feliz, mas também curiosa: como? Com que dinheiro?

Fui entendendo que ela havia sido usuária por muito tempo. Foi casada durante oito anos, dona de casa, tinha uma vida boa – até o dia em que experimentou cocaína na casa da irmã. “Ai, meu Deus, por que eu experimentei pela primeira vez?”, lamentou, com aquele olhar de quem se vê diante das ruínas do que perdeu. Mesmo assim, havia nela uma chama de esperança, um orgulho sereno por estar limpa agora, sonhando com o aluguel social e com a possibilidade de uma casinha para recomeçar.

Ela falava com vergonha sobre os dias em que andava pelas ruas

sem saber onde estava, nem quem era. Vivia em função da droga, até vir parar em Campos, dormindo em praças e usando crack. Foi nesse meio que conheceu o namorado. Usavam juntos, brigavam, se machucavam, até que um dia, cansados de inúmeras idas à emergência, ele tomou a iniciativa de buscar ajuda.

Enquanto conversávamos, a pequena se sentava no sofá com as perninhas abertas, tirava o chinelo, colocava a língua para fora — queria brincar. Achei uma sacola voando, amarrei com um nó, como faço em casa para guardar. Mas, para ela, inventei que era uma orelha de coelho. E ela ria, encantada, desmanchava só para que eu fizesse de novo. Assim, entre risadas, ela nos deixava conversar.

A madraستا tentava educá-la, mas com pouca paciência. E quem sou eu para exigir algo dela, naquela situação? Ela já estava fazendo mais do que podia.

Em meio à conversa, contou que a menina passaria por uma avaliação por suspeita de transtorno de hiperatividade. Era cedo demais para qualquer diagnóstico, e eu não tinha experiência médica suficiente para laudar nada. Mas o meu coração de mãe gritou: aquela criança não precisava de rótulos — precisava de ambiente, de previsibilidade, de amor. Não que não tivesse, mas seus pais estão sobrevivendo... e ela também. Era duro enxergar isso. Mesmo sendo uma realidade difícil, talvez fosse o melhor que eles podiam oferecer no momento. E, como consequência, quem sabe um laudo que nem exista — afinal, na escola, ninguém reclamava.

A madraستا falava com amor sobre o namorado — ele era o elo que a sustentava. Foi ele quem teve a iniciativa de mudar, quem a encorajava todos os dias. E era por ele que ela queria reconstruir uma família. Fiquei pensando nas probabilidades — um casal dependente químico, que viveu na rua, tentando recomeçar juntos. Mas ali, diante de mim, havia amor. Um amor torto, cansado, mas vivo.

Perguntei o que ela gostaria de ganhar do Papai Noel. Com um brilho nos olhos, respondeu: “Que saia logo o aluguel da minha casinha.” Continuei: “E o que você espera da sua nova casa?” Ela sorriu e disse,

convicta: “Eu nem sei o que esperar, só sei que quero começar de novo.”

Apesar dos altos e baixos, pareciam um casal bom. Ele trocou de abrigo para poder ficar com a filha, já que no anterior não podia. Trabalha como flanelinha de domingo a domingo, faz cursos para aumentar as chances de emprego. Quer cuidar, quer prover, quer ser cuidado. Mesmo com as dificuldades, mesmo com as feridas — ali estavam eles, de mãos dadas, tentando, dia após dia, reconstruir um sentido de vida.

Aos poucos, a rua aconteceu

Vinícius Azevedo Dufau

Era uma tarde silenciosa na Casa de Passagem. Josué estava sentado no canto do pátio, consertando o próprio chinelo com um pedaço de arame, concentrado como se estivesse realizando uma cirurgia delicada. Quando me apresentei e expliquei o projeto, ele levantou os olhos devagar, mediu minhas palavras e respondeu: “Pode escrever, mas escreve direito. Eu não sou só a parte que deu errado.” Aquilo ficou comigo.

Josué tem 46 anos. A voz é baixa, mas firme. Trabalhou muitos anos como auxiliar de serviços gerais em uma empresa de ônibus. Gostava da rotina, do uniforme limpo, da sensação de pertencer a algum lugar. Perdeu o emprego depois de uma sequência de faltas; a mãe estava doente, ele precisava acompanhá-la, mas nunca soube pedir ajuda do jeito certo. Depois que ela morreu, a casa ficou grande demais e silenciosa demais. Foi se afastando dos irmãos, acumulando pequenas dívidas, adiando decisões. Quando percebeu, já estava dormindo de favor. E favor, como ele mesmo disse, “tem prazo de validade”.

A rua não começou de uma vez. Foi acontecendo aos poucos. Primeiro, uma noite. Depois, duas. Até que virou hábito. Ele fala desse tempo sem dramatizar, mas também sem esconder o cansaço. Conta que o pior não era o frio, nem a fome; era a sensação de não ser esperado por ninguém. “Quando você não faz falta, parece que some um pedaço de você”, disse, olhando para o chão. Houve dias em que pensou em procurar a família, mas o orgulho e a vergonha formavam um muro alto demais.

Na Casa de Passagem, Josué ainda está aprendendo a ficar. Disse que, no começo, estranhou as regras, os horários, a convivência. “Depois de tanto tempo sozinho, dividir espaço é difícil.” Mas hoje ajuda a organizar o café, varre o pátio sem que peçam e gosta de sentar perto da

porta no fim da tarde, só para observar o movimento da rua. Ele fala pouco sobre o futuro, mas menciona, quase em segredo, o desejo de trabalhar de novo. Qualquer trabalho. “Eu só quero acordar sabendo que alguém conta comigo.”

Enquanto eu escrevia sua história, percebi que Josué não precisava de adjetivos grandiosos. Ele não se descreve como vítima nem como herói. É um homem comum, atravessado por perdas e escolhas mal resolvidas, tentando reconstruir o que sobrou. E talvez o mais forte nele seja justamente isso: a decisão silenciosa de continuar. Porque, como ele mesmo me disse antes de eu ir embora, “a gente não deixa de ser pessoa só porque perdeu o endereço.”

E quando o coração é maior que o peito?

Letícia Pusser

Logo que cheguei à Casa de Passagem, minha orientadora comentou que um dos acolhidos tinha ido ao primeiro Rock in Rio. E eu, claro, fiquei curiosa. Não é todo dia que você conhece alguém que viu Queen, AC/DC, Iron Maiden, Barão Vermelho e Paralamas do Sucesso ao vivo e que hoje vive em situação de rua. Há algo de bonito e dolorido em alguém que já esteve entre multidões e agora vive cercado pelo silêncio.

Quando ele apareceu, entendi de cara o porquê do comentário. Tem aquele tipo de simpatia que chega antes dele. E começou a falar de música como quem respira: jazz, blues, rock nacional. Disse que Kid Abelha, quando ainda era Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, fazia mais sucesso. E que Detonautas faz um som muito bom, de verdade.

A conversa seguiu leve até que a música virou reflexão. Falamos sobre “Era um garoto que, como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones” e sobre como aquela letra, escrita há décadas, continua atual na crítica à guerra e ao poder. Fiquei feliz de conversar com alguém que enxerga na arte mais do que melodia, alguém que entende que a música também é uma forma de protesto, de resistência.

Tive a chance de conversar mais com ele quando estávamos fazendo as cartinhas do Natal Solidário. A ideia era simples: cada um dos acolhidos pediria um presente ou daria para a gente escrever, no caso dos que não sabiam escrever. Mas, no caso dele, o que veio foi muito mais do que uma lista.

“Meu maior presente esse ano é que as pessoas amassem ao próximo sem distinção de cor e que parassem de fingir e fossem verdadeiras. O que seria do mundo se todo mundo amasse? Eu gostaria que as pessoas vivessem e não sobrevivessem. Eu prefiro morrer de pé do que viver de joelhos. E também gostaria de uma Havaiana 41 e um tênis esportivo tamanho 41, porque o homem também não é de ferro. E, para

encerrar: as coisas boas não se programam, acontecem.”

Li a carta dele e fiquei alguns segundos em silêncio.

Entre um pedido de paz e um par de Havaianas, tinha ali tudo o que é ser humano: a fome e a filosofia, o cansaço e a esperança.

Ele fala de política com a mesma naturalidade com que fala de música. Comentou sobre a guerra entre Israel e Palestina, dizendo que quem mais sofre é quem nunca teve culpa nenhuma. E eu fiquei pensando o quanto é irônico: logo ele, que não tem quase nada, ainda se preocupa com o mundo inteiro.

Talvez por isso o coração dele não dê conta.

Tem insuficiência cardíaca, uma condição que faz o coração ser maior que o normal. E eu não consigo deixar de achar que isso é simbólico demais para ser só biologia.

Porque o coração dele é mesmo grande demais.

Grande para tanta indiferença, para tanta desigualdade, para tanto egoísmo.

Ele sonha com um mundo em que as pessoas vivam e não apenas sobrevivam. E talvez por isso o corpo reclame, porque quem sente demais acaba ficando sem espaço para tanto dentro do peito.

Debaixo da marquise entre a chuva, a fuga e o abandono

Wilson Heidenfelder

Naquela primeiro dia de visita à casa de passagem, enquanto acompanhava os alunos do Projeto Vidas Presentes, percebi que o silêncio daquele lugar dizia mais do que muitas palavras. Havia ali uma espécie de cansaço espalhado pelos corredores. Não apenas o cansaço do corpo, mas aquele desgaste invisível de quem já perdeu quase tudo, inclusive o direito de ser olhado como gente. O projeto nascera exatamente para isso: ensinar futuros médicos a enxergarem pessoas antes de enxergarem diagnósticos. Porque existem feridas que não aparecem em exames. Existem dores que não cabem em protocolos clínicos.

Entre tantos rostos marcados pela dureza da vida, um rapaz me chamou atenção. Negro, muito magro, desconfiado, talvez com seus vinte e cinco ou vinte e sete anos. Tinha parafusos presos às pernas por conta de uma cirurgia recente. Mantinha os olhos atentos, como quem aprendeu cedo que sobreviver exige vigilância constante. Sentava-se ligeiramente curvado, observando tudo ao redor, mas sem realmente pertencer àquele espaço. Como se o corpo estivesse ali, mas a alma ainda permanecesse escondida em alguma viela escura da favela de onde viera.

Esperei o tempo dele. Aprendi, ao longo da vida, que algumas histórias não suportam pressa. Aproximei-me devagar e perguntei sobre futebol. Seu rosto endurecido cedeu discretamente quando falou do Flamengo. Como bom carioca, carregava no time talvez uma das poucas pertencas afetivas que ainda lhe restavam. Depois perguntei sobre a cirurgia. Houve silêncio. Um silêncio pesado. Daqueles que antecedem verdades difíceis.

Então ele respondeu, quase sem me olhar: — Tomei uma

pipocada no Alemão.

Disse aquilo com uma naturalidade assustadora. Como quem narra a previsão do tempo. Contou que fora alvejado durante uma disputa entre facções rivais. Estava jurado de morte e precisou fugir do Rio de Janeiro para o interior. Enquanto falava, percebi que o que mais me inquietava não era o fato de ele ter entrado para o crime. O que me perturbava era pensar em quanto sofrimento antecede o momento em que alguém decide abandonar a própria infância para sobreviver.

Quis saber quem ele era antes de a violência lhe roubar o nome. E foi então que sua narrativa começou a desmontar, pouco a pouco, a caricatura social que tantas vezes construímos sobre pessoas como ele. Falou do pai traficante, ausente, mais presente nas cadeias do que dentro de casa. Falou da mãe dependente química e do alcoolismo que atravessava os cômodos da pequena casa como uma sombra permanente. Havia ainda quatro irmãos menores. E ele, o mais velho, aprendendo cedo demais que fome não espera maturidade.

Disse que cresceu dentro de uma comunidade dominada pelo medo. Órfão do Estado, órfão de oportunidades e, muitas vezes, órfão até de afeto. Frequentava a escola pública, mas confessou que nunca conseguiu enxergar sentido naquele ambiente. Não porque lhe faltasse inteligência, mas porque lhe faltava esperança. Enquanto a escola falava de futuro, a realidade gritava urgência. O crime parecia oferecer aquilo que a sociedade nunca lhe entregara: pertencimento, dinheiro rápido e algum tipo torto de reconhecimento.

Começou cedo. Muito cedo. Aos nove anos já fazia pequenos “corres”. Aos dez, abandonou definitivamente a escola. Contou que brigava muito, sentia-se rejeitado, deslocado, invisível. A rua começou a acolhê-lo antes mesmo de qualquer instituição conseguir alcançá-lo. E foi ali, no meio daquela conversa, que ele me revelou uma memória que nunca esquecera.

Na primeira vez em que fugiu de casa, dormiu debaixo de uma marquise no centro da cidade. Chovia muito naquela noite. Enquanto me contava, seus olhos deixaram de olhar para mim e pareciam atravessar o

tempo. Disse que sentia medo. Muito medo. Mas confessou algo que me desarmou completamente: — Ao mesmo tempo, eu senti liberdade.

Aquela frase ficou ecoando dentro de mim. Quantas dores uma criança precisa viver para encontrar liberdade justamente no abandono? Quantos vínculos precisam fracassar para que a rua pareça mais acolhedora que a própria casa? Talvez a sociedade enxergue apenas o homem armado, o traficante, o foragido. Mas antes disso existiu um menino. E quase ninguém perguntou por ele.

Quando saí da casa de passagem naquele dia, percebi que os alunos haviam aprendido muito mais do que qualquer aula tradicional poderia ensinar. Porque algumas experiências não formam apenas profissionais; elas formam consciência. E, enquanto caminhava para fora daquele lugar, pensei que talvez o maior fracasso de uma sociedade não seja quando alguém entra para o crime. O maior fracasso acontece muito antes: no instante em que uma criança conclui que a rua, a violência e o medo ainda são mais suportáveis do que continuar tentando existir dentro da própria realidade.

Eu acertei em continuar vivo

Vinícius Azevedo Dufau

Conheci Leandro num dia em que o café da Casa de Passagem estava particularmente ralo, “transparente igual promessa de político”, ele comentou, antes mesmo de eu me apresentar como estudante de medicina. Leandro tem 52 anos, bigode de policial e uma confiança inabalável de quem já foi técnico de tudo um pouco: técnico de som (mexia no volume do rádio do vizinho), técnico em refrigeração (assoprava a parte de trás da geladeira) e técnico em relacionamento (solteiro convicto, segundo ele, “por excesso de qualidade”). Quando expliquei que estava ali para ouvir e registrar histórias, ele abriu um sorriso: “Então senta que essa consulta vai demorar.”

Leandro me contou que já trabalhou como ajudante de obra, vendedor ambulante e garçom em festas onde nunca era convidado para comer. Casou cedo, separou mais cedo ainda e diz que a maior incompatibilidade do casal era que “ela gostava de discutir e eu gostava de ter razão”. Entre empregos que começavam cheios de esperança e terminavam com um “a gente liga”, foi acumulando mais experiências do que estabilidade. Quando a grana apertou de vez, passou a dormir de favor na casa de conhecidos. “Descobri que visita boa é a que vai embora. Eu fiquei”, contou, rindo. O favor virou constrangimento, o constrangimento virou rua. Ele resume essa fase como “meu intercâmbio urbano sem passagem de volta”.

Na rua, desenvolveu habilidades que, segundo ele, deveriam contar como curso técnico: prever chuva pelo cheiro do vento, identificar onde serviam sopa pelo barulho das panelas e reconhecer de longe quem ia oferecer ajuda ou só conselho. “Conselho enche barriga?”, perguntava, teatral. Mas, no meio das piadas, escapava a parte séria. Falava do cansaço de ser ignorado, da sensação de virar paisagem. “O pior não é a fome, é quando passam por você como se fosse poste.” Dizia

isso mexendo no cadarço do tênis gasto, como quem organiza a própria dignidade.

Quando chegou à Casa de Passagem, estranhou as regras. “Depois de anos sem horário, ter hora para dormir é quase uma ditadura do sono”, brincou. Mesmo assim, adaptou-se.

Hoje acorda cedo, ajuda a arrumar o café (reclama, mas ajuda) e ganhou o apelido de “Prefeito”, porque opina sobre tudo: do cardápio ao posicionamento das cadeiras. Sonha em trabalhar como porteiro — “eu já fico observando a vida mesmo, pelo menos ganho para isso” — e em alugar um quarto onde possa colocar uma televisão pequena e uma planta “para fingir que entendo de jardinagem”.

Enquanto eu anotava sua história, entre uma piada e outra, percebi que o humor de Leandro não é fuga, é ferramenta. Ele transforma tragédia em trocadilho e vergonha em anedota, mas não nega o que viveu. “Eu erreí, sim. Mas também acertei em continuar vivo”, disse, com uma serenidade rara. Saí dali entendendo que, às vezes, rir é a forma mais corajosa de contar a própria história. E que Leandro, com seu café ralo e suas teorias mirabolantes, não é só um morador em acolhimento, é um cronista involuntário da própria sobrevivência.

O amor em meio às faltas

Yasmim Rangel

Naquele Natal solidário, percebi que os pedidos mais difíceis de ouvir eram justamente os mais simples. Não eram brinquedos caros, roupas de marca ou exageros. Eram necessidades básicas, pequenas coisas que, para muitos de nós, passam despercebidas. Teve quem pedisse um chinelo novo. Quem sonhasse apenas com uma cesta de alimentos. Quem desejasse um cobertor para enfrentar as noites frias.

Mas houve um pedido que ficou marcado em mim de forma diferente. Seu Antônio, um senhor de fala mansa e olhar cansado, nos contou que o maior sonho dele, naquele momento, era conseguir uma cadeira de rodas. Não pediu dinheiro. Não reclamou da vida. Só queria voltar a ter um pouco de autonomia, conseguir se locomover sem depender tanto dos outros. Lembro do silêncio que ficou depois que ele falou. Um silêncio pesado, daqueles que apertam o peito.

Também me marcou o pedido de um homem que, diferente dos outros, não queria roupas, comida ou presentes. Ele só queria um emprego. Falou disso com os olhos baixos, quase tímido, como quem já se acostumou a ouvir “não”. Disse que queria apenas uma oportunidade de trabalhar, de voltar a se sentir útil, de conseguir conquistar as próprias coisas com dignidade.

Aquilo me atravessou de um jeito difícil de explicar. Porque, no nosso dia a dia, reclamamos da rotina, do cansaço, do despertador cedo, da correria... e esquecemos que existem pessoas que dariam tudo para ter exatamente aquilo que tantas vezes desprezamos: um trabalho, uma chance, uma rotina comum.

Nós, do projeto, nos juntamos como podíamos. Cada um contribuiu um pouco, correu atrás, compartilhou, pediu ajuda. E, no dia em que entregamos a cadeira, nunca vou esquecer o olhar do Seu Antônio. Não era apenas gratidão. Era dignidade voltando para alguém que já havia perdido tantas coisas pelo caminho. Foi impossível não me

emocionar.

Naquele instante, entendi que o Natal talvez nunca tenha sido sobre excessos ou grandes celebrações. Talvez seja exatamente isso: encontrar humanidade no meio das faltas, perceber que ainda existe amor onde o mundo costuma enxergar apenas abandono. E, naquele lugar tão cheio de histórias quebradas, eu vi esperança sobreviver em gestos pequenos.

Porque o amor é o que nos lembra que somos feitos da mesma essência. Ele atravessa fronteiras, desfaz certezas arrogantes e nos aproxima daquilo que realmente importa: a humanidade compartilhada.

O amor não resolve tudo — mas, sem ele, nada se resolve.

Ele não é fuga, é coragem. É enxergar o outro como parte de si, é plantar empatia mesmo em solo hostil. É arma e abrigo, protesto e poesia.

Ainda que muitos insistam em usar a religião para separar, a própria Bíblia diz que “ainda que eu falasse as línguas dos homens ou até mesmo dos anjos, mas não fosse capaz de amar os outros, não seria mais do que um sino que badala ou um chocalho barulhento.”

Se há algo que pode salvar o mundo, não é o poder, não é o lucro, nem a ideologia.

É o amor. Sempre foi.

Mesmo sendo só de passagem

Larissa Almeida

○ Natal sempre parece começar antes das luzes, antes da comida, antes dos presentes. Ele começa naquele instante em que a gente percebe que existem pessoas carregando o ano inteiro nas costas e, mesmo assim, ainda encontram força para sorrir quando alguém lembradelas.

A ideia de fazer um Natal com eles surgiu porque queríamos encerrar o ano ao lado deles. Fazer o nosso Natal junto daquela casa que, sem perceber, também foi nos acolhendo ao longo dos meses. Passamos tanto tempo ali, ouvimos tantas histórias, dividimos tantos cafés, aniversários, bolos e comemorações, que, em algum momento, deixaram de ser apenas moradores de uma casa de passagem. Ali existe uma família linda. Cada um carregando suas dores, suas cicatrizes, suas perdas e dificuldades, mas convivendo juntos enquanto esperam o próprio momento de voar de novo.

E isso é muito bonito de ver. Porque, mesmo sendo um lugar de passagem, existe afeto ali dentro. Existe cuidado. Existe companheirismo. Um divide o café, o outro pergunta se o dia foi bom, alguém ajuda a arrumar a mesa, outro faz piada para aliviar o peso da vida. São pessoas tentando se reconstruir enquanto seguram umas às outras no processo.

E talvez o Natal tenha pesado tanto no nosso coração justamente por isso. Porque Natal é família. É mesa cheia, ceia, barulho de gente conversando na cozinha, alguém brigando pelo último pedaço de sobremesa, abraço apertado e sensação de pertencimento. E deve existir uma tristeza muito silenciosa em atravessar datas comemorativas sozinho. Muitos ali não têm mais família por perto. Outros foram abandonados no meio do caminho, muitas vezes resumidos apenas ao rótulo de “viciados”, como se isso apagasse tudo o que existe além da dependência. Como se deixassem de ser filhos, pais,

mães, irmãos, pessoas.

Participar disso foi como respirar um pouco de humanidade em meio à correria da vida. Entre pratos sendo montados, crianças correndo, abraços apertados e conversas simples, fui entendendo que o Natal talvez nunca tenha sido sobre coisas. É sobre presença. Sobre alguém olhar para o outro e dizer, mesmo sem palavras: “você importa”.

E uma das coisas mais bonitas foi ver a turma inteira se unindo de verdade. Cada um ajudando como podia, correndo atrás, compartilhando e doando. Conseguimos arrecadar uma cadeira de rodas, conseguimos uma bicicleta, compramos brinquedos para as crianças, e foi emocionante perceber que, na medida do possível, todos receberam aquilo que tinham pedido em suas cartinhas.

Foi tão gostoso escolher cada presente à mão. Andar no sol quente da cidade, correndo no horário do almoço entre uma aula e outra, tentando achar exatamente aquilo que combinava com cada um. Olhar para uma roupa e pensar: “isso aqui é a cara dele”. E era gratificante perceber o cuidado tomando forma em detalhes tão simples.

Mas acho que nada foi mais especial do que escolher os brinquedos das crianças. Não eram pedidos absurdos. Era “uma boneca com o cabelo igual ao da tia”, uma bola, um carrinho, uma blusa de time. Algumas cartinhas falavam até do desejo de cortar o cabelo, passear ou comer em uma lanchonete. E aquilo me atravessou profundamente, porque são desejos tão comuns para nós. Quando queremos, vamos ao salão, passamos em uma lanchonete, parcelamos no crédito e depois damos um jeito no mês seguinte.

Às vezes a gente esquece que dignidade também mora nessas pequenas possibilidades. No direito de escolher algo de que gosta. No prazer de ganhar uma roupa bonita. No lanche dividido em uma mesa. No sentimento simples de ser lembrado.

Talvez por isso o Natal tenha sido tão emocionante. Porque não era só sobre entregar presentes. Era sobre devolver um pouco de individualidade para essas pessoas que tantas vezes passam a vida sendo enxergadas apenas pelas próprias dores e vivendo com as sobras.

E o mais curioso é que, no fim, quem acha que está indo ajudar quase sempre volta ajudado também. Porque existe algo muito transformador em ver alegria nas coisas pequenas. Num brinquedo simples. Numa refeição quente. Num panetone dividido. Num abraço de alguém que talvez tenha passado o ano inteiro sem receber carinho.

Teve riso alto, bagunça, criança impaciente para abrir presente, gente emocionada tentando disfarçar. E teve também aquele silêncio bonito que às vezes aparece no meio do caos, quando a gente entende que participou de algo genuinamente bom.

Estar nesse projeto foi, para mim, em sua essência, levar vida, dignidade e amor para essas pessoas. Mas, no caminho, elas também devolveram tudo isso para mim.

Saí de lá cansada, descabelada, com matéria para estudar e prova chegando, mas com o coração absurdamente leve. Como se, por algumas horas, todo mundo tivesse conseguido dividir um pouco do peso dos pratinhos que equilibramos na vida uns com os outros.

Entre orações e ruínas

Wilson Heidenfelder

Quando conheci Nicolas na Casa de Passagem, a primeira coisa que me chamou atenção não foi sua aparência cansada nem os traços da dependência que ainda atravessavam discretamente seu corpo. O que me chamou atenção foi a forma como ele falava de Deus. Havia nele uma fé estranhamente resistente, dessas que sobrevivem mesmo depois que quase tudo desmorona. Enquanto muitos carregavam no olhar certa desesperança endurecida pela rua, Nicolas parecia sustentar dentro de si uma espécie de conversa silenciosa com o céu.

Era um rapaz jovem. Tímido, educado, ansioso às vezes, mas extremamente solícito. Daqueles que tentam ajudar antes mesmo de serem ajudados. Entre um diálogo e outro, percebia-se alguém cansado da própria trajetória, mas ainda lutando contra a ideia de que sua história estivesse definitivamente perdida. A dependência química aparecia ali não como espetáculo, mas como consequência de ausências acumuladas ao longo da vida. Nicolas não era agressivo nem desorganizado. Era apenas alguém tentando sobreviver às próprias fragilidades emocionais enquanto procurava, em meio aos escombros internos, algum motivo para continuar.

Conviver com a epilepsia também lhe impunha limites silenciosos. O corpo, às vezes, parecia traí-lo. A ansiedade aumentava suas inseguranças e, como acontece com tantos em situação de vulnerabilidade, as oportunidades foram ficando cada vez mais distantes. Não possuía vínculos familiares sólidos. Não havia alguém esperando por ele no fim do dia. E talvez uma das maiores dores humanas seja justamente essa: perceber que o mundo continua girando mesmo quando ninguém nota a sua ausência.

Mas Nicolas carregava algo raro. Gostava de conversar sobre teologia, sobre propósito, sobre passagens bíblicas que falavam de

recomeço. Enquanto falava, seus olhos mudavam. Havia ali um brilho discreto, quase infantil, como se, por alguns instantes, ele deixasse de ser apenas mais um homem acolhido pela assistência social e voltasse a enxergar a possibilidade de ser alguém reconstruído pela fé. Não falava de religião como fuga. Falava como quem busca sentido.

Em determinado momento, ele me disse algo que ficou ecoando dentro de mim:

— Tem gente que acha que Deus só entra em igreja. Mas acho que Ele entra mais fácil na vida de quem já caiu.

A frase me atravessou profundamente. Porque Nicolas parecia compreender aquilo que muitos de nós demoramos anos para entender: algumas pessoas encontram espiritualidade não quando vencem a dor, mas exatamente quando descobrem que sobreviveram a ela. Sua fé não vinha da perfeição. Vinha das ruínas.

Ele sonhava com algo simples. Conseguir uma oportunidade de trabalho. Recomeçar devagar. Ter uma rotina. Sentir-se útil novamente. Talvez recuperar aquilo que a rua vai retirando aos poucos de tantas pessoas: dignidade, pertencimento e identidade. Enquanto conversávamos, percebi que Nicolas não precisava que alguém lhe promettesse milagres. Precisava apenas que alguém acreditasse que ainda existia futuro possível para ele.

Ao sair da Casa de Passagem naquele dia, fiquei pensando em quantas pessoas são reduzidas apenas ao próprio vício, ao próprio diagnóstico ou à própria queda. Mas Nicolas me lembrava justamente o contrário: nenhum ser humano pode ser resumido ao pior momento da sua vida. Dentro dele ainda existia um homem tentando reorganizar os próprios caminhos entre crises, silêncios, fé e esperança.

E talvez seja isso que mais me marcou naquele encontro. Nicolas não falava como alguém que já havia encontrado a salvação. Falava como alguém que ainda estava no meio da travessia. E, às vezes, continuar caminhando, mesmo ferido, já é uma das formas mais profundas de resistência humana.



ISBN 978-65-02-31435-7 (e-book)

.fbpn

.fmc

Faculdade
de Medicina
de Campos